

\*Município de Redondo  
rmataloto@gmail.com

\*\*Doutoranda em  
Arqueologia FLUL/Bol-  
seira FCT/Uniarq  
catarinacosteira@gmail.  
com

\*\*\*Mestre FBAUL  
mcvroque@hotmail.com

# Torres, cabanas e memória: a Fase V e a cerâmica campaniforme do povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo Central)<sup>1</sup>

Rui Mataloto\*  
Catarina Costeira\*\*  
Conceição Roque\*\*\*

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste texto foi entregue para publicação nas actas do Encontro Internacional de Arqueologia: *Vasos Campaniformes, símbolos de uma comunidade cultural europeia há 5000 anos*, celebrado em Torres Vedras, de 1 a 5 de maio de 2008. Este texto foi escrito em Português de grafia antiga, tendo sido alterado à posteriori por regras editoriais, com autorização, mas não concordância, dos autores.

*“Porque me falas das pedras? É só o arco que me importa.*

*Polo responde: - Sem pedras não há arco.*

*A memória é redundante: repete os sinais para que a cidade comece a existir.[...].”*

Italo Calvino (2000) - *As cidades invisíveis*. Teorema

**Resumo** Pretende-se com o presente trabalho efetuar um primeiro balanço sobre a ocupação do São Pedro na segunda metade do III milénio a.C., refletindo-se sobre a presença da cerâmica com decoração campaniforme incisa neste local e na região.

**Abstract** The aim of this paper is to present the first balance of the occupation of São Pedro in the second half of 3<sup>rd</sup> millennium BC, in the context of the presences of Bell Beaker ceramic in the region.

## 1. O sítio e as contingências: dinâmica de ocupação

### 1.1. As contingências

O sítio arqueológico de São Pedro localiza-se no concelho de Redondo, dentro do perímetro urbano da vila sede de concelho, com as seguintes coordenadas centrais M-250550

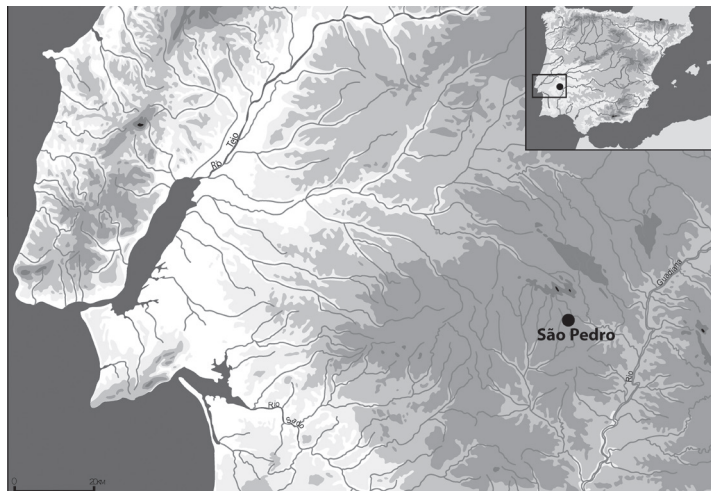
P-187175 Gauss, na Carta Militar 451-1:25 000, a 319 m de altitude.

O sítio de São Pedro foi dado a conhecer na bibliografia arqueológica nos inícios da década de 90 pela mão de Manuel Calado (1993), que pouco depois nos apresentou a primeira grande abordagem à ocupação calcolítica do local, integrando-o no quadro do povoamento neolítico e calcolítico da área da Serra d'Ossa (Calado, 1995).

O povoado aqui em análise localiza-se em pleno Alentejo Central, entre as planícies de Évora e o vale encaixado do Guadiana, junto à margem sul da Serra d'Ossa, integrado num extenso corredor natural que une o litoral atlântico do Baixo Tejo e Sado às férteis planícies da bacia média do Guadiana (Fig. 1). A ocupação implanta-se sobre um cabeço alongado de vertentes íngremes e topo aplanado, situado na margem nascente da planície central de Redondo, adjacente a solos agricultáveis e bons aquíferos, que permitiriam facilmente a instalação de uma comunidade humana estável. Esta localização confere-lhe um amplo domínio visual em todos os quadrantes, exceto a nascente, onde a elevação nos surge bastante mais dissimulada por entre os outros cerros da vila. A intervenção de salvaguarda decorreu da construção, pela Câmara Municipal, da circular poente à vila de Redondo, que exigiu o atravessamento do cabeço de São Pedro, afetando irremediavelmente a área arqueológica. Nesta intervenção seguiu-se uma metodologia de escavação em área, num total de cerca de 2000 m<sup>2</sup>, procedendo-se depois ao desmantelamento controlado das estruturas. Os trabalhos de escavação decorreram, num primeiro momento, de modo ininterrupto de março de 2004 a novembro de 2005, quando foram suspensos. Posteriormente realizaram-se mais três campanhas, no verão de 2007 e 2008, decorrendo entre março e novembro de 2009 a campanha final, na qual se procedeu ao desmantelamento do sítio (Fig. 2).

### 1.2. O faseamento pré-campaniforme: Fases I-IV

O quadro do conhecimento sobre a evolução histórica e estratigráfica do povoado de São Pedro é ainda muito preliminar, atendendo à enorme extensão escavada e à necessidade de posicionar com precisão as 3133 unidades estratigráficas registadas, dispersas por cinco sectores (A-F). Todavia, foi já possível apresentar uma primeira leitura evolutiva global (Mataloto, Estrela & Alves, 2007, 2009; Mataloto, 2010) além de diversos estudos parciais, entretanto apresentados (Costeira, 2010; Costeira & Mataloto, 2013; Costeira, Mataloto & Roque, 2013; Davis & Mataloto, 2012; Mataloto & Boaventura, 2009). O conjunto edificado



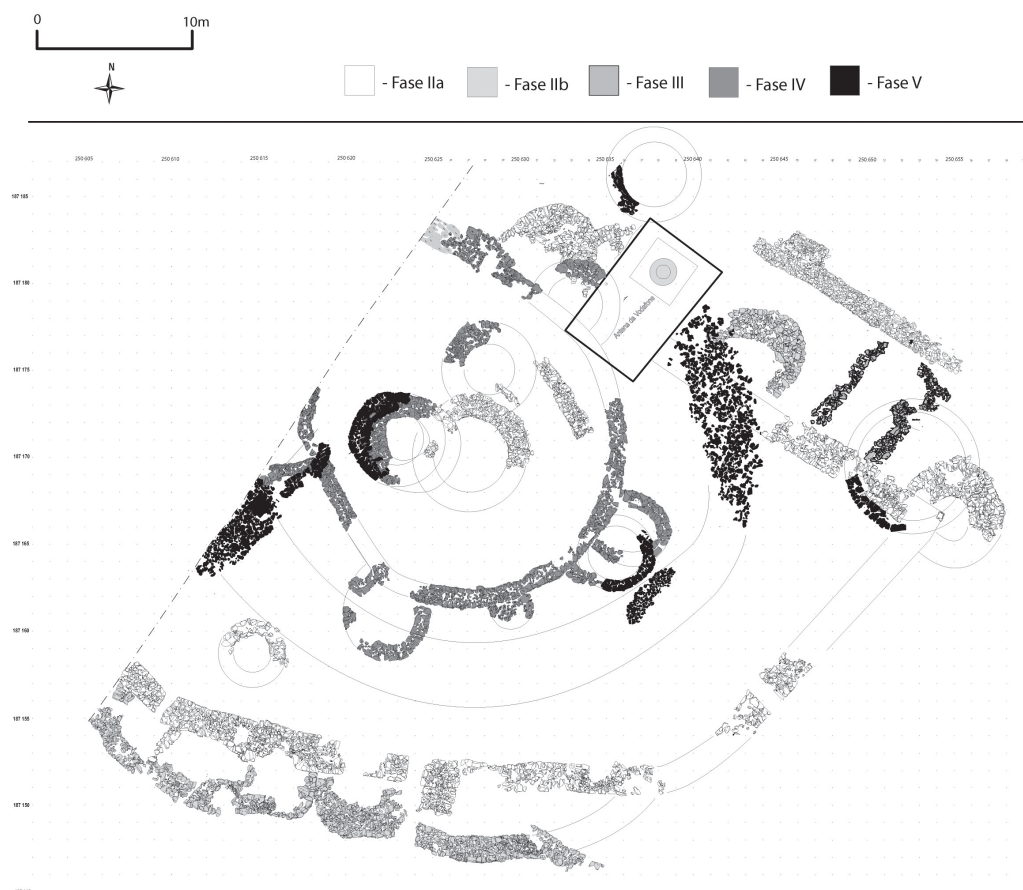
teve um percurso complexo e heterogéneo, tendo as suas múltiplas transformações marcado, certamente, o contexto da vivência humana no local. Deste modo, serão as grandes estruturas de fortificação a marcar o ritmo de análise do processo histórico do povoado de São Pedro, definindo-se o seu faseamento essencialmente com base nos atos de construção/reconstrução e abandono destas (Fig. 3).

A Fase I corresponde a um primeiro momento de ocupação, aparentemente aberta, que se terá desenvolvido entre os finais do IV milénio a.C. e o início do seguinte. Os dados disponíveis são particularmente escassos, confinando-se a alguns estratos documentados sob as estruturas de fortificação da primeira fase. As grandes ações construtivas e quotidianas subsequentes deverão ter truncado profundamente as pré-existências, não tendo sido documentada, com clareza, qualquer estrutura habitacional e/ou defensiva. Esta fase encontra

Fig. 1 – Localização do São Pedro, no Alentejo Central.

Fig. 2 – Aspeto dos trabalhos na fase final de escavação.

Fig. 3 – São Pedro (Redondo) – Planta geral de estruturas.



indícios diretos e indiretos em diversos pontos da área intervencionada, sendo um dos principais argumentos da sua existência a constatação de que a estrutura de fortificação mais antiga assenta pontualmente em níveis arqueológicos prévios. Em situações pontuais, a escavação de alguns estratos junto à rocha base forneceu um espólio afim dos conjuntos melhor conhecidos nos finais do IV milénio a.C. (Mataloto, 2010, p. 281), caracterizado pelo domínio das formas esféricas, por vezes com pegas, a par de algumas formas carenadas e a total ausência de formas espessadas.

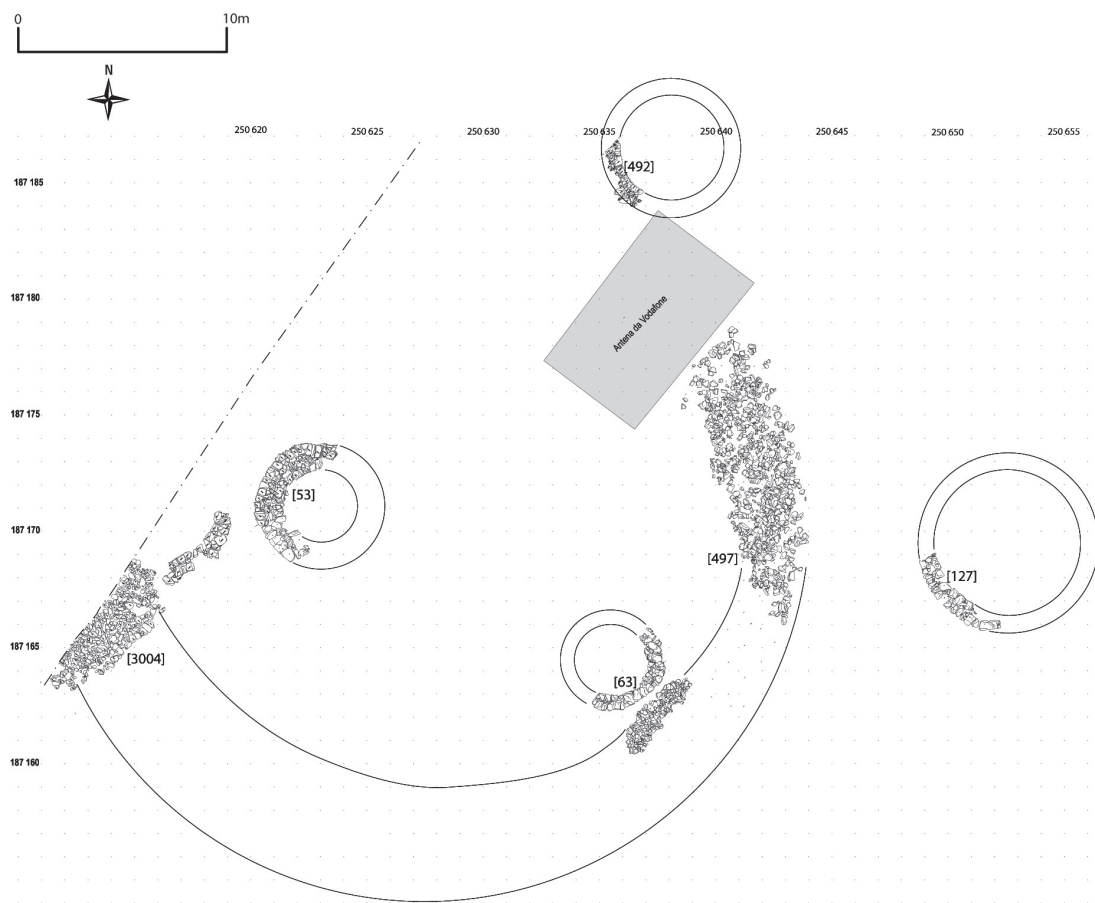
O fim desta Fase I, determinado pela construção do primeiro recinto defensivo, parece decorrer já dentro do III milénio a.C., como o indica a presença de formas espessadas no enchimento de estruturas negativas infrapostas à primeira fortificação.

A designada Fase II (Fig. 3) resulta de uma total modificação da orgânica e natureza do espaço habitado, gerada pela edificação de um amplo circuito amuralhado. Este terá sido erguido, e

em grande medida utilizado, dentro do primeiro quartel do III milénio a.C., se atendermos à sequência de datas de radiocarbono obtida no local (Mataloto & Boaventura, 2009).

Esta fortificação, apesar de ter sido apenas parcialmente delimitada, apresenta-se complexa, robusta e ampla, identificando-se, na área intervencionada, cinco tramos murários retilíneos, com mais de uma dezena de metros de comprimento e dois metros de largura, construídos no xisto local, que delimitam um espaço de planta trapezoidal, com cerca de 900 m<sup>2</sup>.

Pelo lado sul, a muralha apresentava diversos vãos, com 0,70 m e 1 m que abriam, em dois casos, para o interior de um bastião oco. Numa fase aparentemente inicial existiam três bastiões adossados à estrutura da fortificação, dois ocios com acesso direto pelo interior do povoado e um maciço. Num momento tardio desta fase esta estrutura sofre uma forte alteração, sendo parcialmente substituída por outra menos robusta.



No lado nascente conservaram-se unicamente dois pequenos troços, delimitando um vão. O tramo virado a norte era composto por um único troço da estrutura defensiva, apresentando pelo exterior, na zona onde deveria ter existido o canto com a fachada nascente, um grande torreão circular, que terá igualmente desempenhado também funções de suporte/contrafortagem e reforço do canto, numa área de acentuado declive. A escassos metros deste, para poente, documentaram-se mais dois torreões maciços. Esta linha de muralha, fragilizada quer pela morfologia do terreno, com forte pendente, e talvez pelas suas próprias características construtivas, parece ter um processo bastante conturbado, com sucessivas reconstruções. No interior da fortificação registaram-se duas grandes estruturas de planta circular que, dado o forte muro de embasamento que possuem, certamente se desenvolveriam em altura, a modo de torres.

A esta Fase II sucede a Fase III, caracterizada pelo abandono e desmantelamento do conjunto arquitetónico perimetral. Sobre as grandes estruturas anteriores, que terão sido pontualmente reaproveitadas, desenvolve-se uma ocupação aparentemente aberta, marcada por edificações principalmente em materiais perecíveis. Num dado momento, certamente anterior aos meados do milénio (Mataloto & Boaventura, 2009, p. 38), o povoado do São Pedro volta a reorganizar-se em função de uma grande estrutura perimetral; contudo, a transição entre a fase anterior e a seguinte é pouco clara, podendo inclusivamente existir um abandono efetivo do cabeço, que não terá sido, aparentemente, muito prolongado. A Fase IV caracteriza-se, então, pela presença de uma nova estrutura de fortificação, em nada coincidente com a anterior, e muito provavelmente construída a partir do desman-

Fig. 4 – São Pedro – Planta geral de estruturas, fase V.



Fig. 5 – Estrutura [63] da Fase V.

telamento das estruturas pré-existentis (Fig. 3). O conjunto amuralhado desta fase apresenta uma planta aproximadamente ovalada, ligeiramente achatada dos lados, com um muro apenas de 0,9 m de espessura, ao qual se vão adossando, pelo exterior, diversos bastiões ouocos semicirculares. O espaço interior é bastante reduzido, apenas superando os 200 m<sup>2</sup> na área intervencionada, que deverá corresponder, muito provavelmente, a 2/3 do total. No interior do espaço fortificado documentaram-se, na área central, duas prováveis torres de planta circular, que ocupavam grande parte do exíguo espaço interno. Perante isto, consideramos que a maior parte do povoado propriamente dito se desenvolvia no exterior, onde se documentou um elevado número de estruturas de cariz habitacional e de armazenagem. Cremos que, algures pelos meados do milénio, ou pouco depois, esta fortificação terá sido desocupada sem que constem, mais uma vez, quaisquer indícios sobre um abandono violento ou inesperado.

### **1.3. O abandono das estruturas perimetrais e a ocupação campaniforme**

É com bastante certeza que podemos afirmar que terá sido sobre as ruínas e os derrubes da última fortificação que se desenvolveu a designada Fase V (Fig. 4). Este último momento de ocupação deverá ter estado associado à utilização de cerâmicas campaniformes, as quais são, todavia, escassas e muito fragmentadas, tendo sido registadas essencialmente em estratos de abandono ou de amortização. Não é, de momento, possível asseverar a con-

tinuidade de ocupação do povoado do São Pedro entre a Fase IV e V; todavia, certo é que as estruturas da fase mais recente assentam sobre os derrubes das mais antigas que, por vezes, reaproveitam, como aconteceu entre a estrutura [53] e a [167=56], da fase precedente. Deste modo, o povoado terá sofrido um efetivo abandono temporário, sendo provavelmente reocupado pouco depois, algures na segunda metade do milénio.

Uma vez mais, a reavaliação do todo estratigráfico, apesar de não se encontrar completa, permitiu reequacionar a proposta inicial, onde se referiu a escassez de vestígios de cariz habitacional integráveis na Fase V (Mataloto, Estrela & Alves, 2007). Esta revisão, apenas parcial, permitiu integrar nesta fase um conjunto de estruturas de planta circular, construídas em pedra, que se dispersam por toda a área escavada. Duas delas, [63] (Fig. 5) e [53], foram, num trabalho anterior (Mataloto, Estrela & Alves, 2007, 2009), integradas na fase precedente e lidas em função das estruturas da fortificação. A estrutura [127], aparentemente parte do embasamento de uma ampla cabana, tal como a [491], deverão igualmente pertencer a esta fase final.

Creemos, então, que esta Fase V se pode subdividir em dois momentos distintos, de natureza substancialmente diversa. Um primeiro caracteriza-se por uma ocupação de cariz habitacional, relacionada com grandes cabanas de planta circular. O segundo momento deriva do abandono e amortização deste conjunto, edificando-se uma extensa estrutura, de planta subcircular, de tipo empedrado, sobre os derrubes das fases anteriores.

A Fase V encontra-se documentada de modo bastante variável entre os vários sectores. Na realidade está, de momento, ausente do sector C, estando muito pontualmente registada no sector A, justamente pela presença da estrutura [53]. Por outro lado, nos sectores B e D deverá estar certamente melhor representada, contudo, a elevada complexidade estratigráfica destes sectores, que são igualmente os mais extensos, impede, sem uma aturada análise, uma mais correta perceção da ocupação desta fase. Efetivamente, foi a intervenção no sector F que permitiu uma melhor caracterização estratigráfica deste momento, com a escavação da estratigrafia adossada a [53]. Contudo, a reduzida dimensão deste sector não

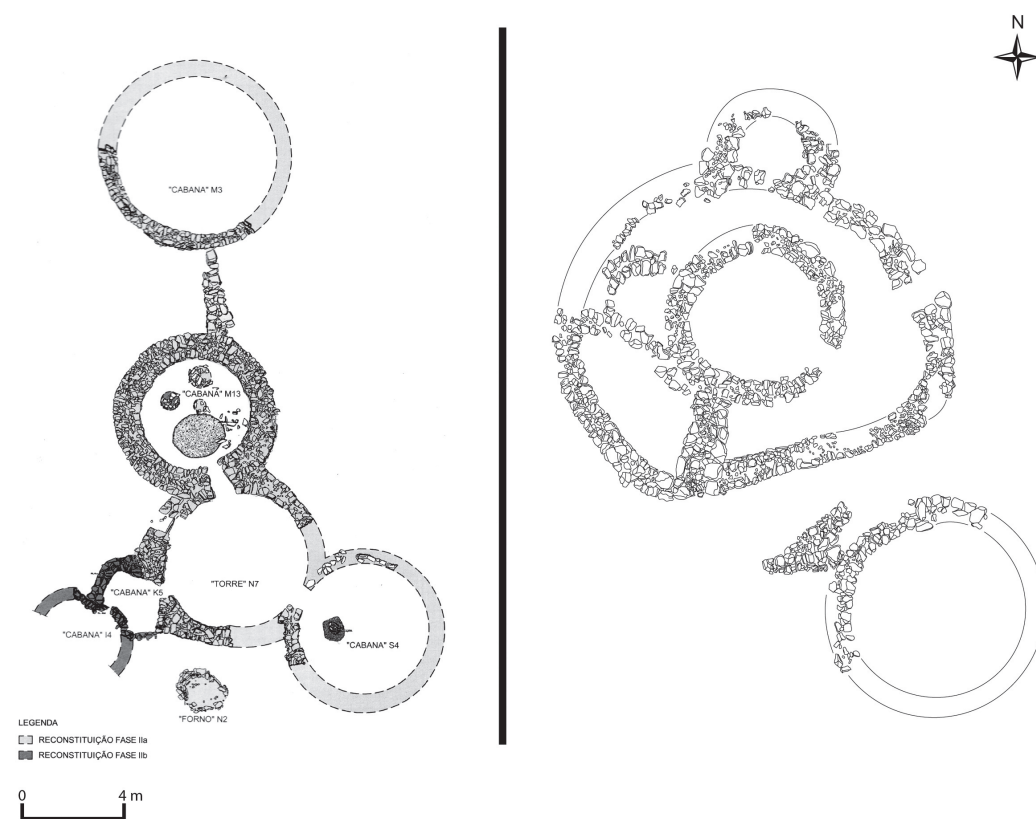


Fig. 6 – Planta geral da Fase II do Porto das Carretas (Mourão) (seg. Soares & Silva, 2010) e de Miguens 3 (Alandroal) (Calado, 2002).

permite considerando muito alargados, ainda que autorize uma leitura mais sustentada do conjunto artefactual desta fase, como se verá. Em posição aparentemente central, face ao conjunto de cabanas detetado na área intervençionada, e sem que possamos asseverar a total contemporaneidade das mesmas, documentou-se uma robusta estrutura de planta circular, [53], claramente distinta das restantes pelo eventual cariz turriforme que a elevada espessura da parede de embasamento lhe confere (1,2 m) (Fig. 6). Apresenta um diâmetro exterior que deveria aproximar-se dos 6 m, ainda que a elevada robustez da parede reduza bastante a área interna. Esta apresenta algumas semelhanças com a grande cabana da Fase II do Porto das Carretas (Silva & Soares, 2010) e com a dita “cabana-torre” de Miguens 3 (Calado, 2002) (Fig. 6). Todavia, será justo realçar que esta grande estrutura mantém uma longa tradição, iniciada na primeira fortificação do povoado, de apresentar uma estrutura turriforme em posição central, o que deriva na efetiva sobreposição da estrutura [53], face à torre [167], que reaproveita parcialmente, e que por sua vez sobrepõe a grande estrutura circular [345]. Na realidade, a sobreposição

destas grandes estruturas, e respetivo derrube, ajudava a realçar e elevar o centro da área ocupada.

Este tipo de estruturas apresenta, então, fortes semelhanças com as grandes torres centrais conhecidas em momentos anteriores da ocupação de São Pedro, assinalando eventuais preocupações de controlo visual, mas igualmente de se “dar a ver”. Esta torre assume, então, uma marca identitária dos aglomerados, em clara continuidade paisagística com as realidades precedentes. O caso de Miguens 3 é talvez dos mais paradigmáticos, na justa medida em que a “cabana-torre” centraliza um pequeno recinto murado com claras afinidades nas estruturas fortificadas da primeira metade do milénio (Fig. 7).

As restantes cabanas de embasamento pétreo apresentam uma robustez bastante menor, com paredes a rondar os 0,8 m e diâmetros exteriores entre os 8 m, para a [127], enquanto a [63] se apresenta algo menor, com 0,7 m de espessura de parede e apenas 4,3 m de diâmetro exterior. Estas seriam, então, estruturas de apenas uma piso que em pouco se desenvolveriam em altura, ao invés das anteriores.

Estas cabanas de planta circular com embasa-



Fig. 7 – Estrutura [53], registada no sector F, possível grande torre central da Fase V.

mento pétreo parecem cada vez mais caracterizar um momento tardio do III milénio a.C., estando documentadas em fases avançadas da vida de povoados como o Moinho Novo de Baixo (Calado, 2002), Porto das Carretas (Silva & Soares, 2010), Mercador ou Monte do Tosco (Valera, 2006). Os dados disponíveis de *San Blas*, localizado bastante próximo destes sítios, parecem igualmente documentar esta tendência (Hurtado, 2004, p. 151). Aqui, o período campaniforme encontra-se bem atestado pela presença de cerâmicas com decoração do estilo Internacional, pontilhado geométrico e inciso (García, 2008, p. 268), para além de elementos metálicos como pontas de tipo “Palmela” e um punhal de lingueta (Hurtado, 2004, p. 141).

As datas obtidas para as ocupações de Miguens 3 (Mataloto & Boaventura, 2009, p. 41) comprovam o enquadramento destas grandes torres autónomas dentro do 3.º quartel do III milénio a.C., tal como as da Fase II do Porto das Carretas (Soares & alii, 2007, p. 128; Mataloto & Boaventura, 2009, p. 42). A presença destas estruturas de cariz mais sólido parece introduzir uma maior noção de permanência ou continuidade, face à imagem de mobilidade e “*circunstancialidade*” que poderiam sugerir as estruturas em materiais perecíveis. Certo é que esta alteração profunda deverá ter reflexos, e refletir igualmente, as assunções dos grupos face ao sentido de permanência e continuidade, que agora parece transitar das estruturas comunitárias da primeira metade deste milénio (muralhas e torres de vigilância), para a esfera doméstica, sem contudo quebrar por completo a estrutura visual do conjunto habitacional, como se men-

cionou acima. Na realidade, a manutenção de uma torre em clara posição central parece continuar a ser um elemento estruturante e agregador do grupo. Todavia, não cremos que esta se possa assumir, como se presumiu para outros locais (Soares, 2013, p. 376), como um indicador e legitimador de qualquer estratificação social intragrupal, o que não obsta a que possa ter desempenhado funções específicas no contexto do povoado.

O momento final da Fase V do São Pedro parece ser marcado pelo abandono das estruturas habitacionais e pela construção de uma estrutura do tipo “empedrado”, [497], [510], [3004], entre outras, com cerca de 4 m de largura, que acompanhava, a pouca distância e numa extensão de mais de 30 m, o embasamento da antiga muralha, descrevendo uma planta tendencialmente circular (Fig. 8). Esta estrutura, com uma ou duas fiadas de pedra, e que não deveria ter desenvolvimento em altura, acabaria por realçar (“monumentalizar”?) a antiga ruína, num ato de “*evidenciamento*” do Passado, reforçando, eventualmente, a coesão de um grupo num momento onde o paradigma sociopolítico vigente durante a primeira metade do III milénio a.C. teria já colapsado há muito. Em nenhum momento esta grande estrutura se sobrepõe a qualquer das cabanas, no entanto, assenta claramente sobre os derrubes da cabana [63], implicando um certo desfasamento no tempo, entre este último grupo e o que a construiu. Na realidade, esta estrutura de cariz simbólico não seria já construída para aqueles que habitavam o São Pedro, mas antes para um grupo humano que reconhecia nos traços deixados pelas ruínas existentes uma marca de “ancestralidade” e identidade, que os levou a monumentalizar o local num momento avançado do III milénio a.C.

Deste modo, após uma efetiva ocupação de cariz habitacional, o antigo povoado parece ter-se mantido socialmente ativo e integrado nas estruturas regionais, com estas obras de “*evidenciamento*” mnésico, eventualmente relacionado com a veneração dos antepassados (Mataloto, 2010, p. 291).

A recente publicação do sítio da Bela Vista (Beja) pode, de alguma forma, aduzir maior sustentabilidade a esta proposta, atendendo que, também neste, e com maior propriedade, se relaciona a construção de dois recintos de fossos, em torno de um enterramento central,

num contexto de recuperação simbólica de velhas tradições arquitetónicas, como forma de legitimação das mudanças sociais em curso (Valera, 2014, p. 98).

Assim, neste final de milénio, parece desenrolar-se em todo o sudoeste peninsular uma vaga de recuperação identitária de velhas dinâmicas, materializadas apenas na reintegração dos velhos discursos arquitetónicos, no que respeita aos espaços habitacionais, mas igualmente dos espaços funerários, como fica largamente patente na reintegração de antigos monumentos megalíticos (Mataloto, 2005, p. 123, 2007, p. 125).

A fragmentação e atomização dos grupos e territórios imporão novos discursos legitimadores e agregadores onde a criação de Passado e Memória, através da construção destes espaços simbólicos, desempenhará um papel estruturante na agregação de novas comunidades, eventualmente de maior base familiar, como nos indica a presença das grandes cabanas.

## 2. Motivos e identidades: perspetiva geral sobre a cerâmica da Fase V de São Pedro

Pretendemos apresentar uma caracterização geral dos recipientes cerâmicos enquadrados na Fase V de São Pedro, provenientes dos sectores A, E e F<sup>2</sup>. Definimos um conjunto constituído por 994 fragmentos classificáveis, a maioria dos quais corresponde a bordos (971), registando-se quatro bases, cinco fragmentos de carena, seis elementos de preensão isolados e apenas duas peças inteiras. Os seis fragmentos de bojo analisados referem-se a peças com decoração, não se tendo contabilizado o número total de bojós das unidades estratigráficas em estudo.

As formas simples abertas são percentualmente mais expressivas (47,3%) do que as formas fechadas simples (29,9%), enquanto as formas compostas carenadas têm uma presença residual (0,7%), sendo apenas possível reconstituir os perfis dos recipientes em apenas dois casos. Em 22% dos bordos não foi possível determinar a forma devido à sua pequena dimensão.

No que se refere às formas abertas, as taças representam 39,9% do conjunto, enquanto os pratos apenas 7,4%. As taças de bordo espessado registam menos exemplares (11,6%)



Fig. 8 – Estrutura [497], “empedrado” da Fase V.

do que as taças de bordo sem espessamento (28,3%); na análise do espessamento do bordo dos pratos regista-se a mesma tendência, ainda que a diferença percentual não seja tão expressiva (3,4%–4%). A diminuição da presença dos pratos e a redução generalizada do espessamento dos bordos e dimensão dos lábios nas formas abertas verifica-se noutros contextos regionais como nos sítios da Fonte Ferrenha, Caladinho e Vinha (Calado, 2001, p. 93), na fase II do povoado do Porto das Carretas (Soares, 2013, pp. 281, 283–284) e na fase II do povoado do Monte do Tosco, principalmente no conjunto artefactual do interior da cabana 1 (Valera, 2013, pp. 164–165). A direção dos bordos das formas abertas segue a tendência identificada por Manuel Calado (Calado, 2001) para o sítio da Fonte Ferrenha, com os bordos direitos a dominarem o conjunto, seguidos dos bordos invertidos e uma pequena percentagem de bordos exvertidos.

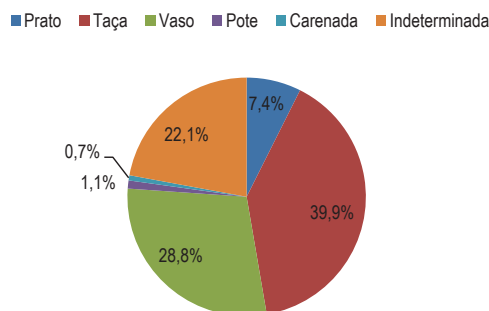
Nas formas fechadas, os vasos esféricos e globulares são predominantes (28,8%) em relação aos potes (1,1%). Os bordos da grande maioria destes recipientes não apresentam espessamento. Em dez exemplares registou-se a presença de elementos de preensão mamilares de morfologias diversas, sendo a cónica e alongada as mais frequentes, encontrando-se dois exemplares com asas de secção circular.

Este conjunto de recipientes cerâmicos apresenta maioritariamente pastas compactas, homogéneas, com frequentes componentes não plásticos finos, médios e grandes. As cozeduras são maioritariamente processadas em ambiente oxidante (47%), 2% com arrefeci-

<sup>2</sup> O conjunto cerâmico destes sectores encontra-se em processo global de estudo por um de nós (CC) no âmbito de uma dissertação de Doutoramento a apresentar na FLUL.



Fig. 9 – Forma dos recipientes da Fase V.



mento redutor, registando-se 27% de cozeduras em ambiente redutor e 24% com arrefecimento oxidante

As superfícies internas dos recipientes são maioritariamente alisadas (79%), registando-se 18% rugosas e 2% polidas. As superfícies exteriores são também preferencialmente alisadas (59%), no entanto, a percentagem de superfícies rugosas apresenta-se mais significativa (38%), enquanto a percentagem de superfícies polidas se mantém nos 2%. É importante realçar que o polimento das superfícies internas e externas apresenta a sua máxima expressão justamente nos conjuntos do sector F.

### 2.1. A “cerâmica fina”

Identificou-se um conjunto de nove taças de bordo sem espessamento que se distinguem dos restantes exemplares devido à sua reduzida espessura (entre 0,3 e 0,6 cm) qualidade das pastas, e ao acabamento das superfícies, principalmente as externas, maioritariamente cinzentas polidas e brilhantes. As características morfológicas e tecnológicas destas taças lisas aproximam-nas das taças com decoração campaniforme. A presença destas taças finas regista-se noutros contextos com campaniforme inciso, como a cabana 1 do povoado do Monte do Tosco, acentuando as semelhanças com os “contextos do campaniforme inciso de tipo Ciempozuelos” (Valera, 2013, p. 165). Nos contextos tardios do III milénio a.C. da Extremadura surge um tipo cerâmico, designado de “paredes delgadas” (Hurtado & García, 1994, p. 97), que assume características afins das documentadas neste conjunto do São Pedro, constituindo um dos indicadores do Calcolítico Final/Epicalcolítico extremeño.

### 2.2. A decoração “não campaniforme”

O conjunto de cerâmica decorada não campaniforme enquadrada na Fase V de S. Pedro é constituído por 16 fragmentos, na sua maioria bojos de pequenas dimensões, provenientes de todos os sectores de escavação. O elevado grau de fragmentação destes materiais torna difícil a reconstituição das formas dos recipientes decorados e o reconhecimento das gramáticas decorativas (Costeira, Mataloto & Roque, 2013).

A decoração desta fase aplica-se exclusivamente na superfície externa do recipiente, o que poderá indicar uma preferência pela ornamentação de formas fechadas, desaparecendo as decorações localizadas no lábio dos recipientes espessados (Costeira, Mataloto & Roque, 2013). A impressão é a técnica decorativa mais frequente (44%), seguida da incisão (31%), representando a combinação destas duas técnicas 19% do total. Identificámos somente um caso em que a pequena dimensão dos mamilos e a sua morfologia angulosa nos conduziu à sua interpretação como elementos decorativos.

Os motivos ponteados constituem o grupo mais representativo deste conjunto, organizando-se tendencialmente em bandas horizontais, por vezes delimitadas por finas linhas incisivas; num dos exemplares registou-se a presença de finos triângulos incisivos preenchidos por pontos impressos. A presença de finas linhas incisivas horizontais, verticais ou oblíquas é muito frequente, todavia, a pequena dimensão dos fragmentos não permite reconstituir as composições decorativas em que este motivo se poderia integrar, não sendo improvável a sua associação às complexas gramáticas campaniformes incisivas. Neste conjunto a utilização de pasta branca associa-se a técnicas e motivos diversificados, com o objetivo de os realçar como é, aliás, usual nas gramáticas campaniformes.

A decoração não campaniforme da ocupação final do povoado de S. Pedro parece-nos evidenciar tendência para uma certa normalização decorativa, com a maior monotonia dos motivos representados, acentuando-se o seu carácter geométrico, ao contrário do que se regista nas fases mais antigas (I a III), em que a diversidade de padrões e da morfologia dos recipientes decorados é maior (Costeira, Mataloto & Roque, 2013).

### 3. A decoração campaniforme do povoado de São Pedro

O conjunto de cerâmica campaniforme recolhida no povoado de São Pedro é constituído por 16 fragmentos de pequenas dimensões, de difícil remontagem, o que dificulta o cálculo do número mínimo de recipientes. Estes dados quantitativos, próximos dos registados noutros contextos regionais, como a Fase II do Porto das Carretas (14 ex.), são pouco expressivos, todavia a sua associação aos outros recipientes cerâmicos com elementos de mudança face aos conjuntos plenamente calcolíticos e às cabanas de embasamento pétreo acentuam o carácter tardio da Fase V.

Todos os fragmentos campaniformes analisados inserem-se no estilo Inciso apresentando, todavia, uma multiplicidade de tipos e gramáticas decorativas que nos parece indicar a presença de quinze recipientes distintos (os fragmentos [513]1 e [513]2 parecem pertencer à mesma peça). A maioria dos fragmentos em análise são bojos de dimensões muito reduzidas, não sendo possível definir a forma dos recipientes em que se integravam. De facto, apenas se identificaram três bordos: [0] 820; [512] 1 e [1171] 1, os quais poderão pertencer a formas abertas do tipo taça e um fragmento de carena [1125] 2 que poderá corresponder a uma caçoila. Assim, e se atendermos apenas ao universo dos bordos dos recipientes cerâmicos acima analisados, a cerâmica campaniforme corresponde a apenas 0,3%. O fragmento [1171] 1, ainda que de muito pequena dimensão, apresenta claras semelhanças com a grande caçoila registada no enterramento campaniforme da Anta das Casas do Canal (Leisner & Leisner, 1955).

A reduzida dimensão dos fragmentos em análise dificulta a descrição pormenorizada das gramáticas decorativas, no entanto, é possível referir que os motivos se encontram dispostos em frisos, tendencialmente organizados em bandas horizontais e paralelas, separadas por espaços lisos de tamanho variável (Quadro 1). Estas características aproximam o conjunto das gramáticas decorativas incisas de tipo mesetinho “*Ciempozuelos*” (Garrido, 1999, p. 208), as quais dominam claramente os reportórios decorativos campaniformes alto alentejanos. Os motivos mais frequentes do conjunto em análise são as linhas horizontais, verticais, ziguezua-

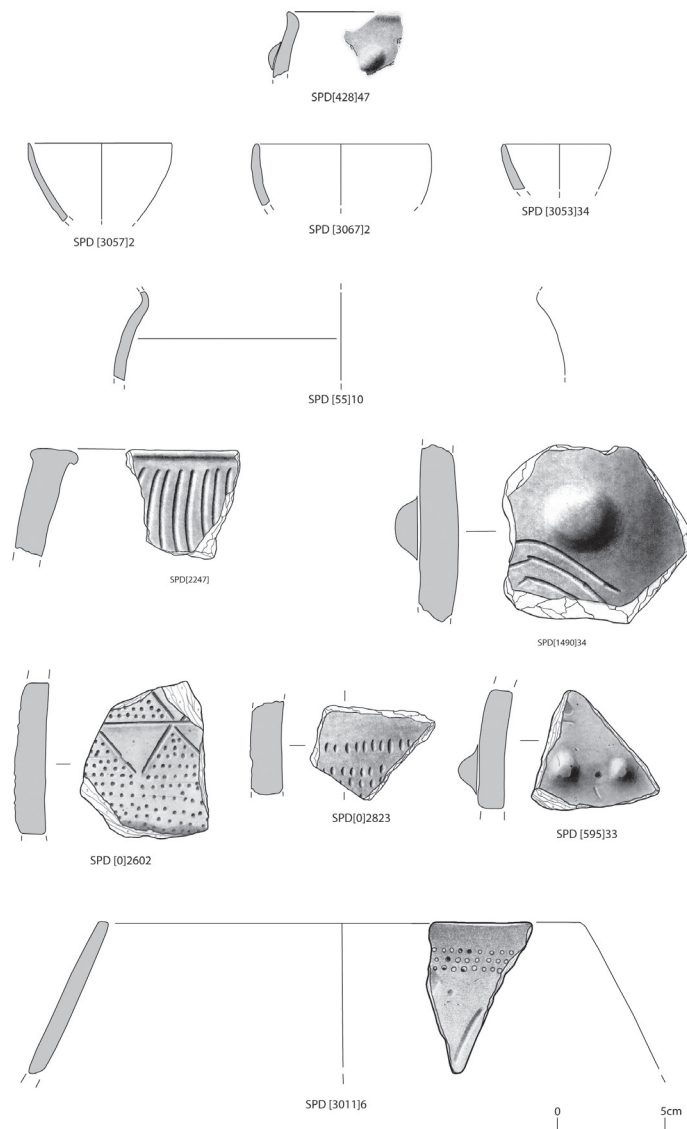


Fig. 10 – Cerâmica decorada de São Pedro.

gueantes e os reticulados, que em cada fragmento se combinam de diferentes formas. Os fragmentos de cerâmica que compõem este conjunto, com a exceção de dois casos que estão associados a unidades superficiais, são todos provenientes de unidades estratigráficas distintas. Todavia, cinco destas unidades estratigráficas fazem parte de diversos segmentos do grande “empedrado” [497]-[3004] que amortiza a ocupação da Fase V — [504], [510], [513], [1125] e [1171] — estando as restantes relacionadas com esta estrutura, ou por relações de imediata anterioridade, caso de [512], [649] e [686], [970] ou posterioridade [508]. Os fragmentos de cerâmica campaniforme estão assim associados ao final da fase V do sítio de S. Pedro, um momento em

Quadro 1 – Descrição dos fragmentos com decoração campaniforme

U.E.	N.º Inventário	Motivo decorativo
0	820	Banda com pequenas linhas verticais, delimitadas pelo bordo e por uma linha horizontal (0,5 cm), 1 linha horizontal, 1 banda de linhas cruzadas (0,5 cm), 1 linha horizontal, 1 banda de linhas verticais, delimitadas por duas linhas horizontais (0,5 cm), 1 linha horizontal, 1 banda de linhas cruzadas incompleta, com o limite superior com linha horizontal (Ind.). As bandas lisas têm medidas semelhantes (0,4 cm). Todas as linhas são preenchidas a pasta branca.
0	2596	Banda com pequenas linhas verticais, que formam pequenos retângulos (1,1 cm). Banda com várias linhas diagonais que se cruzam, formando pequenos retângulos e losangos (1,1 cm). Esta banda é delimitada linhas incisas na horizontal. Banda com linhas incisas na vertical, que formam pequenos retângulos (0,6 cm – área conservada).
0	2730	Linha incisa horizontal funda, que delimita banda com várias linhas diagonais que se cruzam, formando losangos (2,1 cm).
504	66	Banda com pequenas linhas verticais, que formam pequenos retângulos (área conservada 0,8 cm), Banda com várias linhas diagonais que se cruzam, formando pequenos losangos (área conservada 1,6 cm).
508	24	Banda com linhas verticais, delimitada por linhas horizontais (1,4 cm). Banda com várias linhas diagonais que se cruzam, formando losangos (1,8 cm). Linhas incisas.
508	69	Conjunto de três linhas horizontais, preenchidas com pasta branca (0,7 cm área decorada conservada).
510	1	Pequenos traços diagonais, 9 linhas horizontais preenchidas a pasta branca (área total da banda 1,6 cm).
512	13	Banda lisa (0,5 cm). 1 Banda de linhas verticais, delimitada por linhas horizontais (0,7 cm). Banda de linhas diagonais que se cruzam formando losângulos (1,2 cm). Banda com linhas verticais que formam pequenos retângulos, delimitadas por duas linhas horizontais (0,7 cm). Banda lisa (área conservada 2,1 cm).
513	1	3 Linhas ziguezagueantes paralelas (área total conservada da banda 1,1 cm) e 7 linhas horizontais paralelas (área total conservada da banda 1,6 cm).
544	10	Banda de linhas incisas na vertical, formando pequenos retângulos (área conservada 1,2 cm). 7 linhas horizontais (1,2 cm). Banda de linhas diagonais que se cruzam, formando pequenos losangos.
649	6	Linhas verticais (1,2 cm). Banda de linhas verticais que formam pequenos retângulos, delimitada por linhas horizontais (1,2 cm). Banda de linhas diagonais que se cruzam formando pequenos losangos.
686	1	2 linhas horizontais (0,5 cm). Banda de linhas verticais que formam pequenos quadrados (0,5 cm). 3 linhas horizontais (0,5 cm). Banda de pequenas linhas cruzadas (0,5 cm). 2 linhas horizontais 0,5 cm).
970	1	Banda de linhas verticais (área conservada 0,6 cm), Banda lisa (1,2 cm). Banda de linhas verticais que formam pequenos retângulos (0,9 cm). Banda de linhas diagonais que se cruzam formando pequenos losangos (área conservada 0,9 cm).
1171	1	Sup. Ext. 1 Linha horizontal ziguezagueante, 3 linhas horizontais (0,6 cm). Sup. Int. 4 linhas horizontais ziguezagueantes. Todas as linhas são preenchidas a pasta branca.
1125	2	Banda de linhas verticais (área conservada 0,6 cm). Banda lisa (1,3 cm). Banda de linhas verticais, delimitada por duas linhas horizontais (0,8 cm). Banda de linhas verticais (área conservada 0,8 cm).
2250	15	Banda de linhas verticais (0,8 cm). Banda de linhas diagonais que se cruzam, formando pequenos losangos (1,2 cm).

que as estruturas habitacionais estariam desativadas e o sítio passa a ser integrado como espaço simbólico destas comunidades dos finais do III milénio a.C. da aba sul da Serra d'Ossa. A interpretação desta estrutura como um ato de monumentalização do sítio pode reforçar o potencial carácter simbólico dos fragmentos campaniformes identificados.

Na Região da Serra d'Ossa, onde se inclui o povoado de São Pedro, os vestígios das ocupações ditas campaniformes são escassos, mas

ainda assim diversificados. Focar-nos-emos apenas nos achados cerâmicos, na justa medida que são unicamente estes que foram detetados no sítio aqui em análise. Por outro lado, os tipos metálicos associáveis a ocupações campaniformes aparentam ter um perfil cronológico, e eventualmente social, distinto das cerâmicas, estendendo-se no tempo para além do quadro sócio-simbólico que parece presidir à distribuição da cerâmica decorada com motivos campaniformes.

Nos povoados do Caladinho<sup>3</sup> e Fonte Ferrenha, situados, respetivamente, a apenas 3 km a NE e 10 km a norte do São Pedro, foram igualmente documentadas ocupações de momentos avançados do Calcolítico regional, atendendo à presença de escassas cerâmicas com decoração campaniforme (Figs. 11 e 13). No primeiro caso, os achados ocorreram durante a escavação dos estratos romanos, nos quais abundavam vestígios das antigas ocupações, tendo-se recolhido vários fragmentos decorados com motivos incisos e uma ponta tipo Palmela. No povoado da Fonte Ferrenha não foram efetuados quaisquer trabalhos arqueológicos, para além de intensas recolhas de superfície, na sequência de fortes destruições provocadas pelo plantio de eucaliptos; foi registada a presença de um número reduzido de fragmentos com decoração campaniforme, do tipo inciso (Calado, 2001; Calado & Mataloto, 2001). Outras presenças, mais afastadas atestam igualmente estas gramáticas e estilos, caso dos achados no povoado do Famão (Calado, 2001, p. 95) (Fig. 11) ou do já mencionado São Gens de Terena (Mataloto, 2006).

Se a técnica incisa parece, ainda assim, dominar as escassas presenças na região da Serra d'Ossa, tal não invalida que se tenha documentado, tanto em escavação como em prospeção, outros estilos, caso dos pequenos fragmentos de estilo Internacional de bandas do Castelo Velho das Hortinhas e do São Gens de Terena (Mataloto, 2006) ou, principalmente, dos dois recipientes do estilo pontilhado geométrico detetados em Miguens 3. Para esta última ocupação dispomos de duas datas que a enquadram, genericamente, dentro do 3.º quartel do III milénio a.C. (Mataloto & Boaventura, 2009, p. 41). Não cremos que a distribuição dos achados na área da Serra d'Ossa seja, desde já, indiciadora de uma qualquer organização da distribuição identitária dos achados, ou corresponda a territórios de mobilidades específicas, contudo, não deixa de ser relevante a associação dos estilos Internacional e pontilhado geométrico ao Guadiana e ao seu principal afluente na região, a Ribeira do Lucefécit, que desemboca naquele nas imediações do grande povoado de San Blas, onde aqueles estilos se encontram igualmente documentados (García, 2008).

Em plena Serra d'Ossa, a pouco mais de 10 km a norte do povoado de São Pedro, localiza-se o conhecido monumento das Casas do Canal, onde Georg e Vera Leisner documentaram uma

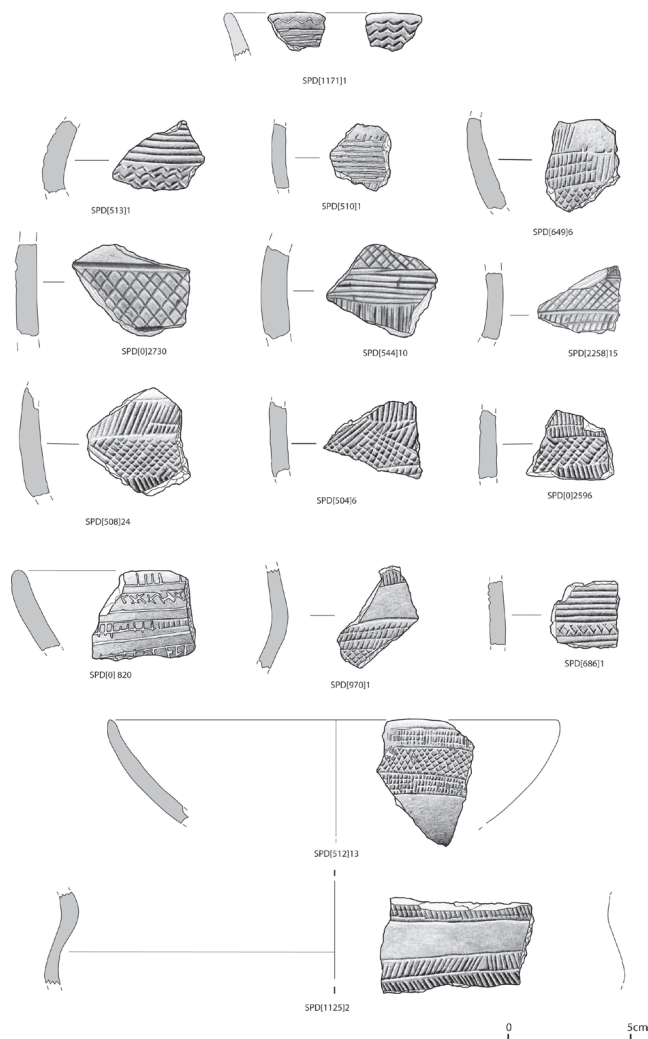


Fig. 11 – Cerâmica decorada campaniforme de São Pedro.

utilização campaniforme no corredor, com um vaso liso e uma taça incisa (Leisner & Leisner, 1955) (Figs. 12 e 13). Este enterramento apresenta notáveis semelhanças com um outro detetado por Manuel Heleno na designada Anta Estremoz 7, ou Nossa Senhora da Conceição dos Olivais, com um enterramento no corredor igualmente acompanhada por uma çauoila e um vaso liso (Mataloto, 2006; Rocha, 2005)<sup>4</sup>. A distância não superior, mas para oeste, localiza-se a Anta Bencafede (Cardoso & Norton, 2004) na qual se documentou também a presença de cerâmica com decoração campaniforme incisa, de tipo mesetenho.

O fenómeno campaniforme, ou pelo menos de parte do “pacote” artefactual que lhe anda usualmente associado, é ainda bastante complexo de compreender e aprisionar nesta área da Serra d'Ossa. Contudo, se atendermos aos diversos exemplos de utilizações tardias de mo-

<sup>3</sup> Fortim tardo-republicano em escavação por um dos signatários (R.M.) e Joey Williams, no qual foram já efetuadas quatro campanhas.

<sup>4</sup> O conjunto recolhido neste monumento, atualmente em depósito no MNA, encontra-se em estudo por um dos signatários (RM) em colaboração com Rui Boaventura.

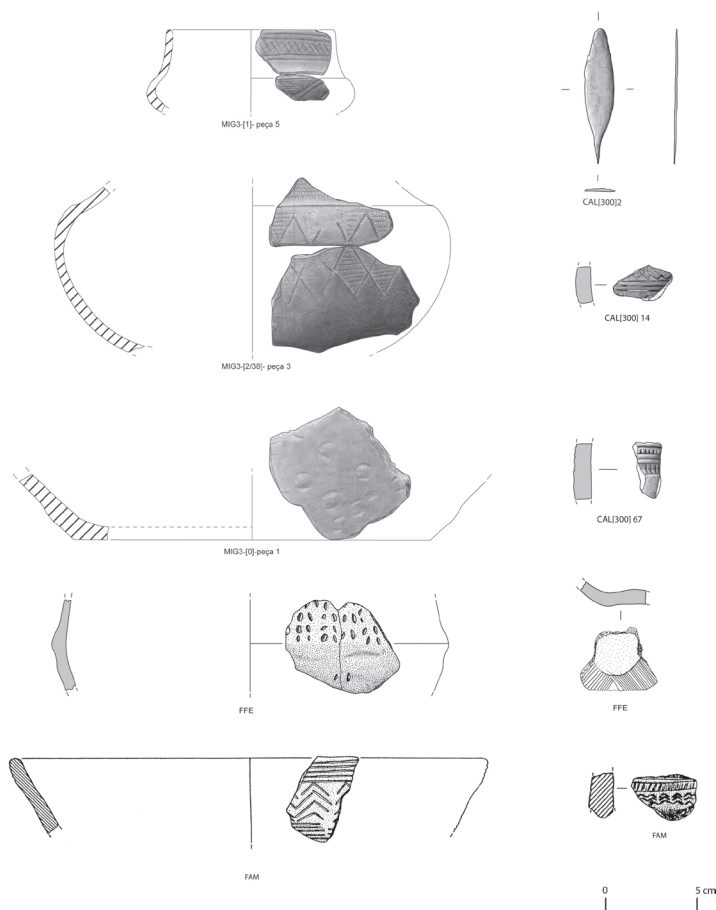
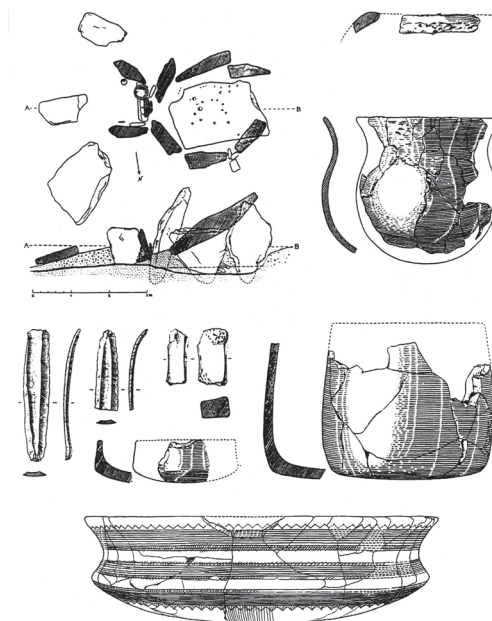


Fig. 12 – Cerâmica com decoração campaniforme de Famão (FAM) (seg. Calado, 2001), Fonte Ferrenha (FFE) (Calado & Mataloto, 2001) e Miguens 3 (García, 2008).

Fig. 13 – Anta das Casas do Canal e espólio associado (Leisner & Leisner, 1955).



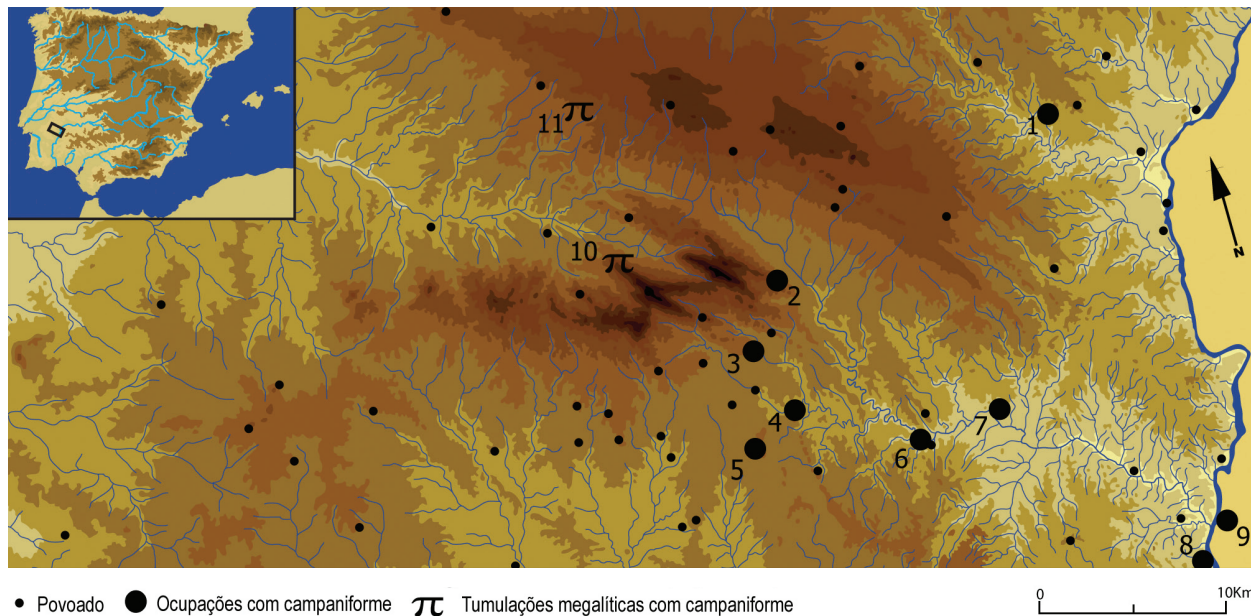
mentos megalíticos, mas também à “petrificação” da ruína do povoado de São Pedro após o seu abandono, parece desenvolver-se neste período um qualquer movimento de reforço da ligação aos ancestrais, com a criação de espaços de memória, em toda esta área da Serra d’Ossa, que será eventualmente paralelo a outros na envolvente. A criação de memória está usualmente ligada ao reforço da identidade local, o que poderá derivar da necessidade de estreitamento dos laços de coesão dos grupos que habitavam este território, podendo a cerâmica campaniforme, trocada ou simplesmente exibida ou mesmo amortizada, ser uma forma de ostentação das ligações supralocais em momentos ou cerimónias de culto aos ancestrais.

#### 4. O final do III milénio a.C. no território centro-alentejano e o último momento de ocupação do São Pedro

A Fase V do São Pedro dificilmente se poderá considerar, como já se afirmou, verdadeira-

mente “campaniforme” dada a escassez desta gramática decorativa e de outros elementos tipológicos, quer cerâmicos quer metálicos, a ela associados. Como se viu, as cerâmicas com decoração campaniforme, exclusivamente incisas, surgem associadas essencialmente a um momento de abandono da Fase V, caracterizada por uma ocupação de cabanas de pedra edificadas sobre os escombros da antiga fortificação.

Será essencialmente aquando da construção do “empedrado” de amortização das antigas ocupações que a cerâmica com decoração campaniforme surge integrada na estratigrafia, ou imediatamente antes. Deste modo, poderemos questionar-nos sobre o efetivo simbolismo desta incorporação, dada a peculiaridade do conjunto, com exemplares únicos e de pequena dimensão, aparentemente pertencentes a distintos recipientes. Este facto não deverá ser dissociado da construção de uma estrutura cujos contornos e características parecem assumir um real contexto simbólico, eventualmente conectado com a evocação dos antepassados, como já se apontou. O “empedrado” parece assumir assim um cariz monumental, de amortização, mas igualmente de realce das antigas ocupações, num gesto de eventual reforço da identidade do(s) grupo(s), que se reúne(m) em torno deste local, em cerimónias de rememoração e construção de tradição (Connerton, 1989).



Estes gestos de agregação metafórica dos antigos espaços habitacionais às redes de povoamento existentes parecem prolongar-se dos últimos momentos do III para boa parte do II milénio a.C., os quais se têm vindo a conhecer melhor à medida que se vai ampliando o número de sítios intervencionados. Na área centro alentejana estão já documentados os casos do povoado do Mercado (Valera, 2006), da fortificação do Monte Novo dos Albardeiros (Gonçalves, 1988–1989) ou do povoado do Moinho de Valadares (Valera, 2006) onde, sobre as ruínas calcólíticas, se detetou a presença de atividades de cariz funerário ao longo da primeira metade do II milénio a.C. Recentemente, foi identificado um caso absolutamente semelhante na vizinha Extremadura, no povoado calcólítico de Castillejo de Fuente Cantos (Cerrillo & *alii*, 2010, p. 446). Por outro lado, cremos ser fundamental compreender os efetivos “tempos” aprisionados nesta Fase V, na justa medida em que resulta particularmente problemático perspetivar como se efetuará o abandono do local enquanto espaço habitado, e quando terá decorrido a construção da referida estrutura de “evidenciamento” da ruína. Nada aponta para um ato sequencial absoluto, ou seja, parece existir um tempo de abandono efetivo, no qual se teria processado o dismantelamento das cabanas, e daí a construção da estrutura monumental sobre o derube da cabana [63]. Neste contexto seria igualmente interessante realçar o facto de todas as cabanas se conservarem apenas parcialmente,

como que num gesto de dismantelamento propositado de parte da estrutura, mas conservação como memória da restante. Estes gestos de curaçã apresentam alguns paralelos quer etnográficos quer arqueológicos em distintas realidades sociais e cronológicas (Webley, 2007). A realidade “campaniforme”, no todo que se designou de “pacote”, apresenta-se no Alto Alentejo de um modo difuso, caracterizando-se por um tempo longo. Evitando propostas para o sudoeste peninsular que consideramos ainda problemáticas e pouco sustentadas (Cardoso & Soares, 1990–1992; Cardoso, 2014), na esteira, aliás, de outros (Soares, 2013, p. 245), pode-se afirmar que as primeiras realidades “campaniformes” se começam a registar pelo menos em meados do III milénio a.C., prolongando-se alguns artefactos, nomeadamente os metálicos, por momentos já bem dentro do II milénio a.C.; este intervalo cronológico acaba por nos revelar um tempo bastante longo, no qual terão que ser lidas as diversas ocupações. Na realidade, em exercício recente de modelação bayesiana do conjunto das datas disponíveis para o período final do Calcólítico do Sudoeste peninsular, obteve-se um intervalo a 2  $\sigma$  de 2649–2436 cal BC para o início do Calcólítico Final, remetendo a transição para o Bronze do Sudoeste no intervalo 2  $\sigma$  de 2071–1930 cal/BC (Mataloto & *alii*, 2013, p. 327), confirmando, então, a existência de um processo longo de dismantelamento das realidades sociais e simbólicas pré-históricas, nas

Fig. 14 – Povoamento dos IV e III milénios a.C. na região da Serra d'Ossa (seg. Calado, 2001, modificado). Ocupações campaniformes: 1- Famão 2- Fonte Ferrenha 3- Argolia 4- Caladinho 5- São Pedro 6- Castelo Velho das Hortinhas 7- São Gens (Terena) 8- Miguens 3 9- San Blas.

quais a presença de cerâmica campaniforme é apenas um elemento peculiar, num contexto bastante mais amplo e complexo.

Se durante muitos anos os diversos estilos decorativos campaniformes oscilaram entre a diacronia (Soares & Silva, 1974–1977) e a contemporaneidade (Cardoso & Soares, 1990–1992; Cardoso, 2014, p. 73), a primeira parece, no gradual aumento das realidades estratigrafadas no sul do país, ganhar alguma consistência, o que na região em apreço se encontra patenteado na verdadeira “estratigrafia horizontal” constituída pelos vários sítios verdadeiramente “monovarietais”.

Sem negar uma efetiva contemporaneidade parcial entre eles, que parece evidente, certo é que, em sítios já intervencionados, como Porto das Carretas (Mourão) (Soares & Silva, 2010), Miguens 3 (Alandroal), Monte do Tosco (Mourão) e São Pedro (Redondo), os estilos presentes surgem de forma exclusiva (Internacional, no primeiro, Pontilhado geométrico no seguinte, e Inciso nos dois últimos). Além disso, em sítios com um elevado número de registos de superfície, ainda que escasso campaniforme, como Fonte Ferrenha ou o Caladinho, surge apenas o estilo Inciso. Todavia, e contrariando esta tendência, no sítio de São Gens, no Alandroal, foram detetados dois estilos, Internacional de bandas e Inciso, no enchimento de uma mesma estrutura negativa (Mataloto, 2006, p. 98); este facto não implica, obrigatoriamente, a sua contemporaneidade, na medida em que se resumem a pequenos fragmentos remobilizados na ação de preenchimento da dita estrutura.

Vem sendo usual, e genericamente assumido, que o aparecimento do campaniforme coincide com a desestruturação do paradigma humano vigente no Calcolítico do sudoeste peninsular, emergindo uma nova realidade, materializada numa nova forma de ocupar um espaço anteriormente coercivo e fortemente estruturado (Soares, 2003). O povoamento surge agora disseminado em aglomerados menores, instalados em áreas abertas, ao mesmo tempo que decorre um processo de aparente estratificação intra-grupal, com a afirmação de novas ou velhas linhagens (Soares & Silva, 1998, p. 234, 2010, p. 256; Soares, 2003).

O povoamento campaniforme alto-alentejano surge-nos, então, fortemente dinâmico e instável, originando ocupações aparentemente curtas, resultantes de estratégias de ocupação cujos

padrões não são, cremos, ainda fáceis de definir. Se, por um lado, temos claros indícios da reocupação de antigos locais estratégicos, anteriormente fortificados, caso do Porto das Carretas, Monte do Tosco e São Pedro, por outro surgem ocupações *ex novo* em locais sem aparente interesse defensivo ou estratégico, caso de Miguens 3. Além deste fator, também o tempo não parece clarificar as leituras pois, como se viu, enquanto uns parecem surgir com os primeiros sinais do novo estilo decorativo, caso do Porto das Carretas, outros em idênticas circunstâncias locativas, parecem surgir numa fase já muito adiantada do III milénio a.C., veja-se o caso do Monte do Tosco. Noutro sentido parecem apontar os dados das grandes ocupações, caso de Porto Torrão, Pijotilla ou mesmo Perdígões (Valera, 2006, p. 200), que nos transmitem não só uma imagem de maior vivacidade, atendendo à aparente quantidade e diversidade, mas igualmente de permanência. Todavia, julgamos ser de questionar leituras lineares, na justa medida em que pouco se conhece da verdadeira natureza destes sítios, antes e depois do aparecimento das cerâmicas campaniformes. Na realidade, também aqui, nos casos conhecidos, esta cerâmica surge desde logo nos níveis iniciais de enchimento e abandono das grandes estruturas de fossos perimetrais, caso dos Perdígões (Márquez & alii, 2011, p. 36) ou dos fossos conhecidos de Porto Torrão, de onde se dispõe igualmente de datas para a base do enchimento totalmente dentro da segunda metade do III milénio a.C. (Valera, 2006, p. 201). Estes casos parecem, também, indicar, que algo estava a mudar na sua natureza, mas possivelmente também na sua capacidade de agregação e coordenação de um grupo, o que fica bem patente no seu abandono total ainda dentro do III milénio a.C.

A forma como todo este povoamento se dispersa na diacronia, o modo como as ocupações se parecem entrosar no espaço e o carácter social que cada uma delas alcançou é ainda muito complexo de apreender, não sendo de todo possível assumir, na nossa perspetiva, uma sequência linear face à realidade que presidiu à primeira metade do III milénio a.C., nem um qualquer movimento redistributivo ou identitário/agregador em torno dos grandes centros dessa fase (Valera, 2006, p. 200; García, 2008, p. 51).

Os dados que se encontram atualmente disponíveis parecem cada vez mais reforçar a hipó-

tese de que a decoração campaniforme teve uma reduzida aceitação junto das comunidades alto-alentejanas, escassamente acostumadas a hábitos decorativos, tão frequentes noutras paragens. A realçar esta tendência está a cada vez maior presença de outras realidades materiais campaniformes, nomeadamente as cerâmicas lisas e as peças metálicas, em contextos diversos, como os domésticos e os funerários. O povoado de São Pedro é, como se viu, um excelente exemplo desta situação, dada a escassez de decoração campaniforme, a qual segue uma tendência patente ao longo de toda a diacronia do sítio. Na realidade, é complexo falarmos de uma “fase campaniforme” com base nos 16 fragmentos do São Pedro ou dos 14 do Porto das Carretas (Soares & Silva, 2010, p. 239).

A realidade funerária conhecida é, apesar de tudo, mais unitária, surgindo no interior alentejano de modo aparentemente tardio, num movimento de reutilização de antigos monumentos megalíticos. Assim, são principalmente recipientes campaniformes lisos que surgem nas deposições funerárias, como acontece na Anta dos Cabacinhitos, Vale Carneiro ou Nossa Senhora da Conceição dos Olivais (Mataloto, 2006) ou, mais a sudeste, e bem datado, no monumento do Monte da Velha 1 (Soares, 2008) ou no *Tholos* da Centirã (Henriques & *alii*, 2013); todavia, num caso encontramos a associação de um recipiente liso a outro com decoração incisa (Anta das Casas do Canal) (Leisner & Leisner, 1955) e num outro caso apenas se documentaram duas caçoilas com decoração incisa (Cardoso & Norton, 2004), deixando claro que a componente simbólica destes recipientes não terá sido absolutamente obliterada, demonstrando a complexidade de processos simbólicos paralelos. As datações obtidas para os monumentos do Monte da Velha 1 (Soares, 2008), *Tholos* da Centirã (Henriques & *alii*, 2013) e Nossa Senhora dos Olivais (Rocha & Duarte, 2009, p. 768; Boaventura, 2009, vol. II, p. 11) apontam claramente para um uso prolongado desta tradição ao longo de toda a segunda metade do III milénio a.C. Em área bastante próxima ao São Pedro, na aba sul da Serra d’Ossa foi recentemente intervencionado o pequeno sepulcro dos Godinhos, no qual se documentou uma reutilização de meados/finais do III milénio a.C. na qual se documentou, a par de um pequeno recipiente cerâmico troncocó-

nico, semelhante, embora menor, ao documentado na Fossa 1 da Bela Vista (Valera, 2014, p. 41), um braçal de arqueiro e um fina folha de ouro (Mataloto & *alii*, neste volume). Esta reutilização de um pequeno e bastante discreto sepulcro, certamente por um elemento diferenciado da comunidade, deixa entrever o muito que ainda temos para compreender da forma como se estruturaram as comunidades, territórios e paisagens nos finais do III milénio a.C. após o colapso do paradigma humano vigente até então.

O reavivar de antigas ocupações, quer funerárias quer habitacionais, poderá derivar de um forte atavismo comunitário onde não seria alheia uma semântica da paisagem de estreito enraizamento local, mantendo os ancestrais elementos tópicos estruturantes do espaço social, que tão fortemente marcaram a organização cosmológica das comunidades da primeira metade do III milénio a.C. (Valera, 2008). Na realidade, a desagregação dos grandes grupos humanos que se coordenavam territorialmente na primeira metade do III milénio a.C. acabaria por fortalecer a identidade local das pequenas comunidades, organizando o território em que se movimentam através do reforço do carácter tópico das antigas construções megalíticas e velhas ruínas, que certamente ainda não teriam perdido o seu significado como espaços de coesão, reforçados agora pelo sentido de ancestralidade.

O final do III milénio parece ser, então, marcado por um processo de fragmentação das comunidades, que acabaria por derivar no estreitamento da interação das mesmas com a Paisagem, num movimento de marcação e enraizamento perante uma nova ordem territorial; isto é, a fragmentação dos grupos resultaria na fragmentação da paisagem, que carecerá agora de um reordenamento semântico que coadune a necessidade de um novo conceito de identidade grupal aos elementos tópicos da estruturação paisagística. Deste modo, a codificação de construções ancestrais como espaços de memória, enquanto marcas de apropriação e vivência do território, quer sejam funerários quer sejam de outro índole, veicularão uma determinada comunidade a um espaço produzido e trabalhado pelos antepassados.

Redondo/Lisboa, setembro de 2011  
Revisto e ampliado em novembro de 2014



## Bibliografia citada

- BOAVENTURA, Rui (2009) - *As antas e o Megalitismo da região de Lisboa*. Tese de Doutoramento em Pré-História. Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. 2 vol.
- CALADO, Manuel (1993) - *Carta arqueológica do Alandroal*. Alandroal. Câmara Municipal.
- CALADO, Manuel (1995) - *A região da Serra d'Ossa: introdução ao estudo do povoamento neolítico e calcolítico*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica (Edição policopiada), 2 vol.
- CALADO, Manuel (2001) - *Da Serra d'Ossa ao Guadiana: um estudo de Pré-História regional*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- CALADO, Manuel (2002) - Povoamento pré e proto-histórico da margem direita do Guadiana. *Al-Madan*. Almada. IIª série. 11, pp. 122–127.
- CALADO, Manuel; MATALOTO, Rui (2001) - *Carta arqueológica de Redondo*. Redondo: Câmara Municipal.
- CARDOSO, João Luís (2000) - O “fenómeno” campaniforme na Extremadura portuguesa. In *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP. Vol. IV, pp. 353–380.
- CARDOSO, João Luís (2004) - A Baixa Extremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História regional. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 12.
- CARDOSO, João Luís (2006) - As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratiográfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14, pp. 9–276.
- CARDOSO, João Luís (2014) - Absolute chronology of the Beaker phenomenon north of the Tagus estuary: demographic and social implications. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 71:1, pp. 56–75.
- CARDOSO, João Luís; SOARES, António Monge (1990–1992) - Cronologia para o campaniforme da Estremadura e do Sudoeste de Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 8–10, pp. 203–228.
- CARDOSO, João Luís; SOARES, António Monge; ARAÚJO, Maria de Fátima (2002) - O espólio metálico do Outeiro de São Bernardo (Moura): uma reapreciação à luz de velhos documentos e de outros achados. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 20, pp. 77–117.
- CARDOSO, João Luís; NORTON, José (2004) - As caçoilas campaniformes da anta de Bencafede (Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, pp. 129–136.
- CERRILLO CUENCA, Enrique; FERNÁNDEZ CORRALES, José María; HERAS MORA, Francisco Javier; PRADA GALLARDO, Alicia; LÓPEZ SÁEZ, José Antonio (2010) - Cambios y permanencias en el entorno de Castillejos (Fuente de Cantos, Badajoz, España): de finales del Neolítico a comienzos de la Edad del Bronce. In GONÇALVES, Victor S.; SOUSA, Ana Catarina, eds. - *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal no 3.º milénio a.n.e.* *Actas do Colóquio Internacional*. Cascais: Câmara Municipal, pp. 433–451.
- CONNERTON, Paul (1989) - *How societies remember*. Cambridge: Cambridge University Press.
- COSTEIRA, Catarina (2010) - *Os componentes de tear do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central), 3.º milénio a.n.e.* (Tese de Mestrado inédita, Universidade de Lisboa). Lisboa.
- COSTEIRA, Catarina; MATALOTO, Rui (2013) - Os componentes de tear do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central) In JIMÉNEZ ÁVILA, Javier; BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena; GARCÍA CABEZAS, Miriam, eds. - *Actas del VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular, Villafranca de los Barros 4–6 de octubre de 2012*. Villafranca de los Barros: Ayuntamiento, pp. 625–667.
- COSTEIRA, Catarina; MATALOTO, Rui; ROQUE, Conceição (2013) - Uma primeira abordagem à cerâmica decorada do 4.º / 3.º milénio a.n.e. dos povoados de S. Pedro (Redondo). In ARNAUD, José MORAIS; MARTINS, Andrea; NEVES, César (2013) - *A arqueologia em Portugal – 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 397–406.
- DAVIS, Simon; MATALOTO, Rui (2012) - Animal remains from Chalcolithic São Pedro (Redondo, Alentejo): evidence for a crisis in the Mesolithic. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 15, pp. 47–85.
- GARCÍA RIVERO, Daniel (2008) - *Campaniforme y rituales estratégicos en la Cuenca Media y Baja del Guadiana (Suroeste de la Península Ibérica)*. Oxford: Archaeopress.
- GARRIDO PENA, Rafael (1999) - *El campaniforme en la Meseta: análisis de su contexto social, económico y ritual*. Tese de doutoramento Madrid. Faculdade de Geografia e História da Universidade Complutense de Madrid. 2 vol.

GONÇALVES, Victor S. (1988–1989) - A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Portugalia*. Porto. Nova Série. 9–10, pp. 49–61.

HARRISON, Richard J. (1977) - *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*. Cambridge, MA: Harvard University.

HENRIQUES, Fernando J. Robles; SOARES, António Monge; ANTÓNIO, Telmo; CURATE, Francisco; VALÉRIO, Pedro; ROSA, Sérgio (2013) - O Tholos Centirã 2 (Brinches, Serpa): construtores e utilizadores; práticas funerárias e cronologias. In JIMÉNEZ ÁVILA, Javier; BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena; GARCÍA CABEZAS, Miriam, eds. - *Actas del VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular, Villafranca de los Barros 4–6 de octubre de 2012*. Villafranca de los Barros: Ayuntamiento, pp. 319–355.

HURTADO PÉREZ, Victor (2004) - El asentamiento fortificado de San Blas (Cheles, Badajoz). *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 61:1, pp. 141–155.

HURTADO PÉREZ, Victor; GARCÍA SANJUAN, Leonardo (1994) - La necrópolis de Guadajira (Badajoz) y la transición a la Edad del Bronce en la cuenca media del Guadiana. *Spal*. Sevilla. 3, pp. 95–144.

LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1951) - *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARCH (reed. 1985).

LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1955) - *Antas nas Herdades da Casa de Bragança no Concelho de Estremoz*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança; Instituto para a Alta Cultura.

LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1956) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen (1)*. Berlin: Walter de Gruyter.

LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen (2)*. Berlin: Walter de Gruyter.

MÁRQUEZ ROMERO, José E.; SUÁREZ PADILLA, José; MATA VIVAR, Elena; JIMÉNEZ JÁIMEZ, Víctor; CARO HERRERO, José L.; CUEVAS ALBADALEJO, Pablo (2011) - Actividades arqueológicas de la Universidad de Málaga en el complejo arqueológico dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz, Portugal). Trienio 2008–2010. *Apointamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 7, pp. 61–72.

MATALOTO, Rui (1999) - As ocupações proto-históricas do Castelo do Giraldo (Évora). *Revista de Guimarães*. Volume especial – Actas do Congresso de Proto-história Europeia no centenário da morte de Martins Sarmento. Vol. I, pp. 333–362.

MATALOTO, Rui (2005) - A propósito de um achado na Herdade das Casas (Redondo): Megalitismo e Idade do Bronze no Alto Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, pp. 115–128.

MATALOTO, Rui (2006) - Entre Ferradeira e Montelavar: um conjunto artefactual da Fundação Paes Teles (Ervedal, Avis). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2, pp. 83–108.

MATALOTO, Rui (2007) - Paisagem, memória e identidade: tumulações megalíticas no pós-megalitismo alto-alentejano. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:1, pp. 123–140.

MATALOTO, Rui (2010) - O 4.º/3.º milénio a.C. no povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo Central): fortificação e povoamento na planície centro alentejana. In GONÇALVES, Victor S.; SOUSA, Ana Catarina, eds. - *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal no 3.º milénio a.n.e. Actas do Colóquio Internacional*. Cascais: Câmara Municipal, pp. 263–296.

MATALOTO, Rui; BOAVENTURA, Rui (2009) - Entre vivos e mortos nos 4.º e 3.º milénios a.n.e. do Sul de Portugal: um balanço relativo do povoamento com base em datações pelo radiocarbono. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:2, pp. 31–77.

MATALOTO, Rui; ESTRELA, Susana; ALVES, Catarina (2009) - Die kupferzeitlichen Befestigungen von São Pedro (Redondo), Alentejo, Portugal. *Madridrer Mitteilungen Wiesbaden*. 50, pp. 3–39.

MATALOTO, Rui; MARTINS, José M. Matos; SOARES, António Monge (2013) - Cronologia absoluta para o Bronze do Sudoeste: periodização, base de dados, tratamento estatístico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, pp. 303–338.

MATALOTO, Rui; BOAVENTURA, Rui; NUKUSHINA, Diana; VALÉRIO, Pedro; INVERNO, José; MONGE, Rui; RODRIGUES, Micael; BEIJA, Francisca (2015) - O sepulcro megalítico dos Godinhos (Freixo, Redondo): usos e significados no âmbito do Megalitismo alentejano. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 18, pp. 57–81.

MATALOTO, Rui; ESTRELA, Susana; ALVES, Catarina (2007) - As fortificações calcólicas de São Pedro (Redondo, Alentejo Central, Portugal). In CERRILLO CUENCA, Enrique; VALADÉS SIERRA, Juan Manuel, ed. - *Los primeros campesinos de La Raya: Aportaciones recientes al conocimiento del Neolítico y Calcolítico en Extremadura y Alentejo: actas de las Jornadas de Arqueología del Museo de Cáceres*, 1. Cáceres. Consejería de Cultura y Turismo, pp. 113–141.

MATALOTO, Rui; MÜLLER, Roland (no prelo) - Construtores e metalurgistas. Faseamento e cronologia pelo radiocarbono da ocupação calcolítica do São Pedro (Redondo, Alentejo Central). In *Kupferzeitliche Metallurgie in Zambujal, in Estremadura, Südportugal und Südwestspanien: vom Fertigprodukt zur Lagerstätte. Arbeitstagung Alqueva-Staudamm, 27. bis 30. Oktober 2005*. DAJ: Abteilung Madrid.

ROCHA, Leonor (2005) - *Origens do Megalitismo funerário no Alentejo central: a contribuição de Manuel Heleno*. Tese de Doutoramento em História (Arqueologia). Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Texto Policopiado.

ROCHA, Leonor; DUARTE, Cidália (2009) - Megalitismo funerário no Alentejo Central: os dados antropológicos das escavações de Manuel Heleno. In POLO CERDÁ, Manuel; GARCÍA PRÓSPER, Elisa, eds. - *Investigaciones histórico-médicas sobre salud y enfermedad en el pasado. Actas del IX Congreso Nacional de Paleopatología Morella (Castelló), 26–29 septiembre de 2007*. Valencia: Grupo Paleolab; Sociedad Española de Paleopatología, pp. 763–781.

SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (2002) Porto das Carretas: um povoado calcolítico do vale do Guadiana. *Al-Madan*. Almada. 2.ª série. 11, pp. 176–180.

SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (2010) - O povoado fortificado do Porto das Carretas. In GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C., eds., 2009. *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal no 3.º milénio a.n.e. Actas do Colóquio Internacional*. Cascais: Câmara Municipal, pp. 225–262.

SOARES, António Monge (2008) - O monumento megalítico Monte da Velha 1 (Vila Verde de Ficalho, Serpa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:1, pp. 33–51.

SOARES, Joaquina (2003) - *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo: as economias do simbólico*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal.

SOARES, Joaquina (2013) - *Transformações sociais durante o III milénio AC no sul de Portugal: o povoado do Porto das Carretas*. Beja: EDIA.

SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares da (1974–1977) - O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 3. 7–9, pp. 102–112.

SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares da (1995) - O Alentejo litoral no contexto da Idade do Bronze do sudoeste peninsular. In JORGE, Susana Oliveira, ed. - *A Idade do Bronze em Portugal: discursos de Poder*. Lisboa: SEC/IPM/MNA, pp. 136–139.

SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares da (1998) - From the collapse of the chalcolitic mode of production to the development of the Bronze Age societies in the south-west of Iberian peninsula. In JORGE, Susana Oliveira, ed. - *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 231–245.

SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares da (2002) - Capturar a mudança na Pré-História recente do Sul de Portugal. In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP. Vol. IV, pp. 213–224.

SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares da (2010) - Campaniforme do Porto das Carretas (médio Guadiana): a procura de novos quadros de referência. In *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal no 3.º milénio a.n.e. Actas do Colóquio Internacional*. Cascais: Câmara Municipal, pp. 225–261.

SOUSA, Ana Catarina (1999) - *O Neolítico Final e o Calcolítico na área da Ribeira de Cheleiros*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

SOARES, António Monge; SOARES, Joaquina & SILVA, Carlos Tavares (2007) - A datação pelo radiocarbono das fases de ocupação do Porto das Carretas: Algumas relexões sobre a cronologia do Campaniforme. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:2, pp. 127–134.

SOUSA, Ana Catarina (2010) - *O Penedo do Lexim e a sequência do Neolítico Final e Calcolítico da Península de Lisboa*. Tese de Doutoramento em Pré-História. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

VALERA, António Carlos (1998a) - A génese da Idade do Bronze no Mondego interior: análise de alguns aspectos das suas construções arqueográficas e historiográficas. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 3–4, pp. 215–251.

VALERA, António Carlos (1998b) - Análise da componente cerâmica do povoado dos Perdígões. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, pp. 80–104.

VALERA, António Carlos (2000a) - Moinho de Valadares 1 e a transição Neolítico Final/Calcolítico na margem esquerda do Guadiana: uma análise preliminar. *Era Arqueologia*. Lisboa, pp. 21–37.

VALERA, António Carlos (2000b) - O Monte do Tosco I: uma análise preliminar no contexto do povoamento calcolítico e do início da Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana. *Era Arqueologia*. Lisboa. 2, pp. 33–51.

VALERA, António Carlos (2000c) - O fenómeno campaniforme no interior centro de Portugal: o contexto da fraga da Pena. In *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP. Vol. IV, pp. 269–281.

VALERA, António Carlos (2001) - A ocupação pré-histórica do sítio do Mercador (Mourão) a campanha de 2000. *Era Arqueologia*. Lisboa. 3, pp. 42–57.

VALERA, António Carlos (2002) - Pré-História Recente da margem esquerda do Guadiana. *Al-Madan*. Almadá. Série 2. 11, pp. 117–121.

VALERA, António Carlos (2006) - A margem esquerda do Guadiana (região de Mourão), dos finais do 4.º aos inícios do 2.º milénio AC. *Era Arqueologia*. Lisboa. 7, pp. 136–210.

VALERA, António Carlos; FILIPE, Iola (2004) - O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo). *Era Arqueologia*. Lisboa. 6, pp. 28–63.

VALERA, António Carlos (2013) - *As comunidades agro-pastoris na margem esquerda do Guadiana: 2.ª metade do IV aos inícios do II milénio AC*. Beja: EDIA.

VALERA, António Carlos, ed. (2014) - *Bela Vista 5. Um recinto do final do 3.º milénio a.n.e. (Mombeja, Beja)*. Lisboa: NIA/Era Arqueologia.

WEBLEY, Leo (2007) - Using and abandoning roundhouses: a reinterpretation of the evidence from Late Bronze Age-Early Iron Age Southern England. *Oxford Journal of Archaeology*. Oxford. 26:2, pp. 127–144.